Numero 587 DOMINGO, 16 de dezembro de 1894 Anno XI

O OVARENSE

JORNAL POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

Anno sem estampilha. . . . . 1$000 reis
Semestre sem estampilha. . . 500 reis
Anno com estampilha. . . . . 1$200 reis
Semestre com estampilha. . . 600 reis

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Editor—Placido Augusto Veiga

Annuncios cada linha. . . . . 50 reis
Repetição. . . . . 25 reis
Communicados, por linha . . . . 60 reis
Os srs. assignantes teem o desconto de 25 p. c.

AO PAIZ

No cumprimento d'uma deliberação approvada no comicio realisado em Lisboa no dia 9 do corrente para protestar contra a violação das leis fundamentaes do estado e reclamar o restabelecimento das garantias liberaes, veem os abaixo assignados, membros da commissão iniciadora d'aquella grande assembleia popular, lavrar perante o paiz um protesto energico contra o acto mais violento e attentatorio das liberdades publicas de que ha memoria desde a implantação do regimen representativo em Portugal.

Depois da dissolução das cortes e do adiamento da sua reunião com manifesta offensa dos preceitos constitucionaes, tendo o parlamento funccionado menos de dois mezes no decurso de quasi anno e meio, o governo suspendeu de novo o poder legislativo e expulsou dos seus logares os representantes da nação. Habituado ao regimen soberano das dictaduras, em que tem assignalado a sua incapacidade, simulando actos de força no interior, e deixando cair a pedaços o credito e a honra do paiz no estrangeiro, não podia tolerar o exame severo dos seus erros, e a justa apreciação das suas responsabilidades. Tinha grandes maiorias a cobril-o em ambas as camaras: não lhe escasseiava a confiança da corôa: dispunha de todas as forças do poder. Só lhe faltava o silencio da opposição e não confiava nos applausos do paiz!

Por isso encerrou as côrtes illegal e violentamente pretextando a agitação que, mercê das imprudencias e provocações dos seus parciaes, perturbára algumas sessões da camara dos deputados, como se a irregularidade das discussões parlamentares, vulgar entre nós, e nas mais illustradas assembleias politicas estrangeiras, podesse ser legitimamente invocada para justificar a intervenção inconstitucional da corôa nas luctas e debates partidarios.

O encerramento das sessões ordinarias das côrtes, antes de findo o periodo annual da sua duração, contra a expressa disposição da constituição do estado, é a revolução no poder: é a ruptura do pacto constitucional: é a violação affrontosa da soberania popular; é um golpe de estado vibrado sobre a representação nacianal com o pretexto de resolver uma questão de policia perlamentar: é a prolongação do arbitrario regimen de dictaduras, em que ha mais de 15 mezes vivemos, sem o menor proveito para a nação e com grave prejuizo e offensa dos mais elevados interesses do estado.

* * *

Está, pois, derogada a constituição. Não ha lei, porque a lei é a vontade dos governantes. A responsabilidade ministerial cessou, porque não ha quem legalmente a possa exigir. O poder moderador desappareceu, confundindo-se com o executivo. Ha um novo poder—o de encerrar as côrtes quando convier aos ministros. As garantias populares, a fiscalisação da administração publica, a votação dos impostos, a creação de despezas, toda a gerencia do estado emfim, estão exclusivamente dependentes da resolução da corôa e dos seus augustos conselheiros!

Contra este regimen tão inconstitucional, como infesto aos interesses publicos, é indispensavel que a nação reaja, fazendo soar junto dos poderes publicos a sua grande voz, para os obrigar a respeitar as instituições representativas e os principios da severa economia e moralidade, hoje mais que nunca, essenciaes na administração do estado.

Sem credito nas praças estrangeiras, humilhados pela França nas deploraveis negociações de Zanzibar, dos caminhos de ferro e do porto de Lisboa, expulsos do Brazil, obrigados pela Allemanha a abater na bahía de Kionga a gloriosa bandeira que ali affirmava a nossa soberania, perdemos perante o mundo civilisado o logar, a que nos davam direito as gloriosas tradições da nossa historia.

No interior, depois de decretada a cobrança dos impostos sem a intervenção das côrtes, e de reformada dictatorialmente a lei da contribuição industrial, prejudicando-se gravemente industrias, cujas taxas deviam ser reduzidas, e favorecendo-se outras, que o não mereciam, depois de dissolvidas as antigas associações das classes commercial e industrial pelo crime de promoverem energicamente a reforma d'aquella iniqua lei, que já está em vesperas da segunda revisão; depois de accrescentada consideravelmente a desordem da fazenda publica pelo constante augmento de despezas, pela creação de sinecuras e prebendas para retribuição de serviços politicos, pela ausencia de qualquer pensamento economico e financeiro, o governo dá-nos como remedio unico a tantos males a suspensão indefinida da constituição, a expulsão dos representantes do paiz, a ameaça de uma segunda dissolução, como prologo da suppressão definitiva do parlamento, uma nova dictadura tão reformadora e fecunda, como as anteriores, o governo pessoal com todas as suas lastimosas consequencias!

E tudo isto em nome da ordem, e da disciplina social!

* * *

Em presença d'esta grave situação, cumpre ao povo acudir pelos seus direitos postergados, e reivindicar vigorosamente as suas garantias e liberdades offendidas.

O povo de Lisboa iniciou o movimento de resistencia e protesto contra a restauração do absolutismo, dando o exemplo da serenidade e da firmeza, que é o distinctivo da força, e do respeito á auctoridade, que é o melhor argumento da sua justiça.

Siga o paiz esse nobre exemplo. Um povo que deixa despedaçar indifferentemente as garantias que asseguravam o exercicio da sua soberania, não tem direito á vida das nações livres e independentes. Toleram-se leis màs ou imperfeitas; mas não se vive tendo por unica lei a vontade ou o capricho dos governantes.

Contra este regimen absurdo, irresponsavel, arbitrario, absolutamente incompativel com as tradições da actual geração, e com as aspirações da nossa epocha, não pódem deixar de protestar todos os que amam a sua patria, e não esquecerem os enormes sacrificios, que custou a restauração da liberdade em Portugal.

Use a nação dos seus direitos, e cumpra dignamente os seus deveres.

Lisboa, 14 de dezembro de 1894.

Agostinho Manuel de Sousa
Alfredo de Brito
Alfredo Joaquim da Silva Ramalho
Antonio Augusto Pereira de Miranda
Antonio Candido Ribeiro da Costa
Antonio José da Costa Junior
Antonio Portella
Antonio Sousa Carneiro Lara
Antonio Theophilo d'Araujo Rato
Antonio Thomé Dias da Silva
Carlos Victor Ferreira Alves
Domingos Luiz Coelho da Silva
Eduarda d'Abreu
Eduardo Burnay
Eduardo José Coelho
Elysio Augusto Santos
F. A. Martins d'Almeida
Francisco Antonio da Veiga Beirão
Francisco Gomes da Silva
Francisco Paula Nascimento Cardoso
Frederico Ressano Garcia
Henrique de Barros Gomes
Henrique Pereira Taveira
Ignacio Magalhães Bastos
João Felix da Silva Capucho
João Gomes da Costa
Joaquim Dias Ferreira
Joaquim José Coelho de Carvalho
José Cupertino Ribeiro Junior
José Luciano de Castro
José Maria d'Alpoim de Cerqueira Borges Cabral
José Pedro de Mattos
José Pinheiro de Mello
José Romão de Mattos
José Victorino d'Andrade Neves
Luiz Eugenio Leitão
Luiz Filippe da Matta
Manuel Antonio Dias Ferreira
Manuel Soares Guedes
Manuel Vaz Preto Geraldes
Manuel Vieira da Costa Gomes
Marçal Romeiro Pacheco
Sebastião de Magalhães Lima
Visconde Melicio.

Comicios?

Ao comicio de Lisboa segue hoje o do Porto. Já se annunciam outros nas terras principaes do paiz.

Mas emquanto a colligação opposicionista se move para elucidar o povo dos perigos, que está soffrendo a liberdade e das difficuldades economicas e financeiras, que ao paiz accarretam as medidas governativas, o ministerio por seu lado, maneja as tropas e a policia para impedir que o paiz diga da sua justiça.

As scenas de sexta-feira, em Lisboa, quando partia a commissão para o norte, demonstram que o ministerio só cederá perante força maior.

E a opposição e o povo limitar se-ha aos comicios?

O governo deixa que tranquillamente se façam os comicios, deixa que ahi os oradores barafustem contra as suas medidas violentas e abusivas, mas não consentirá uma unica manifestação nas ruas, não consentirá mesmo um unico viva.

E' que o enthusiasmo communica se como o fogo e é necessario abafar a primeira sentelha para que o rastilho se não communique.

Não estamos propriamente no regimen cabralino, mas um pouco mais além, porque o governo tem hoje, mais do que então, as guardas municipaes e a policia. A tropa regular não

a póde arriscar no primeiro recontro porque o 31 de janeiro ainda está perto de mais e muita gente tem vivida a lembrança de tio memoravel data.

De mais as guardas municipaes e a policia civil, que até prende os pares do reino, basta-lhe para incutir terror no povo inerme

Mas as colligações opposicionistas e o povo limitar-se-ha aos comicios?

Ninguem póde prever o dia d'amanhã. Os proprios partidos da opposição e, com especialidade os monarchicos, marcham tão cautelosamente recommendando ordem e prudencia, que bem mostram que a campanha póde ter como consequencia não só a queda do governo como a mudança do regimen politico.

E as violencias do governo, acerrando os animos, bem pódem preparar a solução violenta do conflicto.

Por isso nós, como a maior parte do povo, perguntamos—os partidos da opposição e o povo pararão o seu movimento nos comicios, ou irão mais longe?

O peor é que nem d'um lado nem do outro já ninguem poderá recuar.

Porto, 16, 10 h. m.

Começa a notar-se uma animação extraordinaria. As ruas da cidade baixa estão concorridissimas. De todos os lados gente que se dirige ao comicio. Pelas ruas patrulhas de cavallaria e policia.

Porto, 16, 12 h. m.

O theatro Principe Real está litterelmente cheio. Mais de cinco mil pessoas, que se agglomeram no vasto circo. Está um grande piquete de cavallaria na rua de Sá da Bandeira. O aspecto da cidade invicta é animadissimo. As prevenções são extraordinarias: commandantes militares, governador civil e commissarios de policia andam n'um corrupio.

Constituição da meza

O sr. dr. Oliveira Monteiro, como um dos promotores do imponentissimo comicio, propõe para presidente o dr. Costa e Almeida. Este assume a presidencia no meio d'uma delirante ovação. Costa e Almeida consegue dizer que no comicio não ha distincções de partidos—ha liberaes, que pugnam pelo imperio da lei. Sendo novamente applaudido, propõe para constituirem a meza, conde de Samodães, Andressen, Joaquim Ventura e dr. Nunes da Ponte. Grandes applausos.

Discurso de Veiga Beirão

Toma a palavra o grande liberal Veiga Beira. Ao apparecer á frente da meza, ouve-se uma prolongadissima salva de palmas Durante muitos minutos só se ouvem bravos, vivas a liberdade e a Beirão, e só se veem acenar os lenços. O orador, muito commovido, agradece essa importante manifestação de enthusiasmo e de sympathia, e diz que recebe essa grande ovação não para si só. Expõe depois eloquentemente a situação e os aggravos que o paiz tem recebido do actual governo.

Discurso de Gomes da Silva

O illustre deputado por Lisboa é recebido no meio de calorosissimos applausos. Este começa por fazer a historia dos attentados governamentaes e dos erros e desatinos com que tem sacrificado o paiz. Termina dizendo, quando a patria está em perigo todos os seus filhos devem correr na sua defesa

Discurso de Oliveira Monteiro

Quando o representante da cidade do Porto se adeante para começar o seu discurso, acolhe-o uma enthusiastica manifestação. Sua ex.ª demonstra que actualmente é a mercê e o arbitrio que estão substituindo a lei, a riqueza e a liberdade dos cidadãos. Concluiu, constantemente interrompido por palmas e bravos, lendo a sua patriotica moção

Discurso de Pinheiro de Mello

Falla em nome das associações, illegal e abusivamente dissolvidas e prefere um vehemente discurso reivindicando os direitos affrontados e exigindo o restabelecimento da liberdade. Foi muito applaudido

—

Fallaram em seguida brilhantemente, sendo muito applaudidos, os srs. Alves Correia e Queiroz Ribeiro.

Porto, 16, 2 e 40 t.

Depois dos oradores, o que já me referi, e fechando o comicio, segue se

José d'Alpoim

O grande tribuno e eloquentissimo orador prefere um discurso, baseado nos moldes da sua formosissima maneira oratoria e que tem sempre o condão de conseguir enthusiasmar até ao delirio os que tem a felicidade de o ouvirem. Quando se refere á cobarde proposta da alteração do regimento, apresentada pelo *leader* da maioria, o nervoso João Arroyo, alguns amigos d'este atreveram-se a patear. A assembleia levanta-se toda e cobre essas manifestações com uma calorosissima e delirante ovação.

No concelho

Falta-nos hoje o espaço e o tempo para responder n'esta secção à «Folha», contudo nem com a demora a resposta perderá.

Pouco ou nada nos importa com a paz ou discordia no seio dos aralistas. E' um grupo que nos não faz sombra, como provou nas duas ultimas batalhas.

Transmittindo o commentario do chefe velho, nada mais fizemos do que reproduzir um facto verdadeiro e que representa a força dos elementos *pequenos* e novos.

E a «Folha» aproveitou os elementos novos para dizer que tivera adhesões ao seu grupo.

Que adhesões são essas? que homens nossos adquiriu? Ora valha-a a Senhora da Boa Morte, porque em verdade a «Folha» expira com a mesma molestia do velho aralismo.

Elementos novos, representando adhesões, não os adquiriu o aralismo, nem os adquirirá emquanto seguir as mesmas normas de proceder, e emquanto o povo não se esquecer d'aquelle passado tão cheio d'aventuras

*

Quem fez a lucta dentro da ordem? Quem appellou sempre para a lei? Nós e só nós. Sabe-o todo o concelho e provam-n'o sem a menor contestação os tribunaes por onde correm os processos crimes instaurados.

Mas os aralistas empregaram as violencias, usaram de todos os processos criminosos com a maior publicidade. Fugindo d'este campo, o articulista da «Folha» diz—«quem estas linha escreve póde affirmal-o..» Nem affirmamos nem negamos que o articulista tenha ou não acção directa nas desordens e arruaças. Nem podemos affirmar ou negar se foi um d'aquelles que em Vallega, á sahida d'um sermão ou pratica, propalou que era necessario vencer as eleições por qualquer fórma. E isto pelas simples razão de que não sabemos quem escreve.

Porém ninguem nos contestará que quer n'esta villa, quer em Vallega, quer em Arada, alguns elementos novos, pequenos aralistas, pregavam a desordem e incitavam os seus correligionarios á pratica das selvagerias.

Ninguem nos contesta que em seguida á desordem de domingo anterior ao da eleição, os aralistas satisfeitos com o resultado davam vivas na cerca do Panella áquella memoravel façanha

De que lado estão os desordeiros? De que lado estão os homens da ordem?

Fallecimento

Falleceu na sexta feira o pae do nosso amigo sr. Manuel da Silva Leite, proprietario da Ponte Nova.

Ao nosso amigo e sua familia damos sentidos pesames.

Manifestação

Constar-nos que alguns cavalheiros do partido republicano d'esta villa foram hontem á gare cumprimentar a commissão que passou para o comicio do Porto.

RESPONDENDO

A «Folha» vem com uns ditos a proposito do sorteio para ferir não sabemos quem.

Será melhor para a outra vez dizer claramente o que quer e os nomes das pessoas, que tenham procedido menos regularmente.

Dizer que houve casos horrendos sem os citar, nem os descrever é o processo já tão velho da «Folha» que não deve admirar pessoa alguma.

—

O do «Jornal de Noticias» vae afinando pelo mesmo diapasão.

O caso do nosso amigo sr. Padre Maia está liquidado. Não queria offender o nosso amigo, mas só contar um facto revestido de taes circumstancias, que faz a arrepiar os cabellos.

Regis emos e adeante.

—

O outro caso, com que se pretender intrigar o ex.mo administrador do concelho, não valeria a pena que a elle nos referissemos, se a intriga fosse apenas do *gigante* que muito bem conhecemos; mas ella reproduz o sentir d'um grupo que quer encontrar nos administradores d'este concelho farrabrazes e instrumentos das suas vinganças. Por isso vem as intrigas e hão de seguir se mais.

—

Engana-se a «Folha» quando diz que nos queixamos das insidias que contra nós publica.

Nos estamos accostumados a ver críticas sempre inçados do mesmo espirito pequeno.

Mas se respondemos é para castigar os disparates e os desconchavos.

Assim fizemos na noticia—«*sempre os mesmos*» e no «*processo de S. Vicente.*» E principalmente n'este se *alguem* tem motivo de queixa não somos decerto nós, antes pelo contrario.

Podiamos muito bem responder de outra fórma nos «*sempre os mesmos*» attacando aralistas pelos mesmos processos, mas com a verdade, mas assumptos particulares estão fóra do nosso proposito.

—

Escusam de apparecer com novas perguntas.

Só ainda uma vez o auctor d'estas linhas se enganou com a vinda de processos—e foi com o de Antonio José Lopes suppondo que houvesse chegado, mas por não ter a certeza não o publicou

A' hora que escrevemos deve esse processo chegar às mãos do digno juiz e provavelmente ámanhã o apresentará.

E quanto aos processos em

---

24 FOLHETIM

M. NARCIZO E J. GOMES

BEATRIZ PALMYRA

E' meia noite; e, contudo, ainda se dança d'um lado, e se joga do outro.

O ambiente está saturadissimo.

As cores postiças vão deixando varias damas n'um desapontamento ridiculo. Gotas de suor cahindo, no fervor da dança, por aquellas caras, que se revoltam contra a natureza, vão deixando rastos, como caracoes deslisando por uma parede pintada de ha pouco.

E' tempo de retirar, de *recolher a penates*. Os quadris começam a *jingar* com mais difficuldade, as coxas estão um pouco inchadas pelas sucessivas contracções, e os pés começam a doer dentro dos sapatinhos sempre mais pequenos do que deviam ser; porque é moda ter os pés pequeninos. Sim, tel os muito pequeninos.

Os peralvilhos despedem-se das damas com prolongados apertos de mão, e procuram, em toda essa despedida, não perder o perfil formalista dos gatos pingados.

Alguns d'esses adeus parecem mais sandosos que o de Heitor a Andromaca, que o de Annibal à Italia, que o de Napoleão aos seus veteranos. Pobre gente que, com tão pouco, goza ou soffre. Serão felizes?

A' uma hora jazia o club envolvido n'um silencio de sepulchro.

Porém se o pensamento fosse feito de luz, certamente, estaria, a essa hora, bastante alumiado porque muitas attenções para lá convergiam ainda.

XI

São apenas passados trez dias depois d'aquella noute em que penetramos no club do Valete de Paus.

Beatriz Palmyra espera ao fundo do jardim de caza, Mario.

E' quasi meia noite; as horas estão a cahir. Tremo de commoção, como geralmente succede aos namorados em identicas condicções.

De todos os lados sentem-se os laivos d'essa mudez profunda, que é propria da meia noute, quando as horas passam na provincia.

Não corre o menor sopro; dir-se-hia que toda a Natureza dorme. Beatriz Palmyra porém vella e, como si, mais alguem que é Mario por quem espera.

Em breve fez-se ouvir juncto d'ella um ruido de folhas secas que estalavam sob os passos d'alguem; e este alguem, surdindo d'um pequeno caramanchel que fica ao fundo do quintal, vem-se aproximando.

=E's tu, Mario?—perguntou Beatriz Palmyra à cautela.

—Sou. Respondeu o vulto que se aproximava.

Era effectivamente Mario. Vinha envolvido n'uma vasta capa hespanhola; e sobre a cabeça trazia uma especie de gorro de pele de lontra, desdobrado sobre as orelhas. A capa herdara-a elle do pae, o gorro era uma alegre lembrança dos seus tempos de *gaiato*. Bellos tempos e grata lembrança!...

A capa ficava lhe um pouco grande, porque o pae fora muito *mais homem* do que elle

Mario vinha um pouco afadigado—trepara ao muro que é bastante alto e depois deixara-se escorregar pelo tortuoso tronco d'uma videira.

Vinha, sem duvida, desconfiado, pois olhava, a miudo, para um e outro lado.

Que teria elle? Foi esta a ideia que, immediatamente resaltou ao espirito de Beatriz Palmyra.

—O que tens Mario—interrogou ella—o que será que, hoje, te traz tão exaltado e desconfiado? Vinhas olhando para um e outro lado...

—Uma leve cousa; talvez um engano, uma illusão—disse elle.

Continua

que nem somos parte nem arguidos, podemos afiançar que os procuradores de *partido* estão encarregados não só de vigiar os processos em que somos parte, mas todos os respeitantes a esta comarca.

Creiam que d'elles estamos devidamente informados.

E sobre este assumpto pômos ponto.

—

O districto das reservas sahiu da nossa terra não devido a influencia dos progressistas que nada teem com o governo, mas dos proprios aralistas, que moveram com os d'Aveiro a guerra, afim de conseguir que aqui não estivesse officiaes de patente superior.

O motivo é obvio. As duas ultimas derrotas se não justificam, pelo menos explicam o desejo, que elles tem da transferencia.

São uns patriotas eximios.

Litteratura

A VIDA

A vida é o dia d'hoje
A vida é ai que mal sôa,
A vida é sombra que foge,
A vida é nuvem que vôo;
A vida é sonho tão leve
Que se desfaz com a neve
E como o fumo se esvae:
A vida dura um momento,
Mais leve que o pensamento
A vida leva-a o vento
A vida é folha que cáe!

A vida é flor na corrente,
A vida é sopro suave,
A vida é estrella cadente,
Vôa mais leve que a ave;
Nuvem que o vento nos ares,
Onda que o vento nos mares,
Uma apoz outra lançou,
A vida—penna cahida
Da aza da ave ferida—
De valle em valle impellida,
A vida o vento a levou!...
. . . . . .

João de Deus

O CURA DE CUCUGNAN

(Alphonse Daudet)

O reverendo Martin era cura de Cucugnan.

Bom como o pão, franco como o ouro, amava paternalmente os seus freguezes; para elle, Cucugnan seria o paraiso na terra, se os seus habitantes lhe prestassem mais attenção. Mas, ai! as aranhas prendiam as teias pelo seu confessionario e, no bello dia da Paschoa, as particulas sagradas ficavam dentro do sacrario. O bom do padre tinha o coração magoado e pedia constantemente a Deus que não o deixasse morrer sem elle haver conduzido ao aprisco as suas ovelhas tresmalhadas.

Ora, ides ver como Deus o ouviu.

N'um domingo, depois do Evangelho, o reverendo Martin subiu para a sua cadeira.

—

«Meus irmãos, disse elle, ouvi-me: na noite passada, encontrei-me, eu, miseravel peccador, á porta do paraiso.

«Bati. S. Pedro veio abrir!

=«Bravo! é o senhor, meu Martin; que bom vento?... e a que devo eu a sua visita?

=«Bom S. Pedro: o senhor que possue o grande livro e as chaves, póde dizer-me, se me não julga curioso de mais, quantos habitantes de Cucugnan ha no paraizo?

=«Na la posso nem devo recusar, senhor Martin; sente se, vamos ver a coisa juntos.

«E S. Pedro poz os oculos e abriu o seu grande livro:

—«Vejamos: dissemos Cucugnan. Cu... Cu... Cucugnan. Cá está. Cucugnan... Senhor Martin, a pagina está em branco. Nem uma alma...

—«Como! ninguem de Cucugnan aqui? Ninguem? E' impossivel! Procure melhor...

=«Ninguem, santo homem. Veja mesmo o senhor, se julga que gracejo.

«Cahi de joelhos, e, de mãos postas, implorei misericordia.

=«Acredite-me, meu cura, disse-me S. Pedro; não se lastime, porque o culpado não é o senhor. E d'ahi, talvez que os seus amigos estejam a fazer quarentena no purgatorio.

—«Ah! por caridade, meu bom S. Pedro! fazei com que eu possa ao menos vel-os e consolal-os.

=«Com a melhor das vontades meu amigo... Olhe, calçe depressa essas sandalias, porque as estradas não são dos melhores... Muito bem... Agora caminhe, caminhe sempre para a frente. Lá em baixo, ao voltar, vê? encontrará uma porta de prata constellada de cruzes negras.. á direita... Bata, abrir-lh'ão.

—

«E eu caminhei... caminhei! Que estirada! Tinha arrepios só de pensar n'isso. Um pequeno atalho cheio de silvas, de carbunculos brilhantes e de serpentes que assobiavam, levou-me até á porta de prata.

«Pau! Pau!

—«Quem é? gritou lá dentro uma voz rouca e dolente.

—«O cura de Cucugnan.

—«De...?

=«De Cucugnan.

—«Ah!... Póde entrar.

«Entrei. Um anjo bello com as suas azas sombrias como a noite, envolvido n'um manto deslumbrante como o dia, trazendo pendente da cintura uma chave de diamante, escrevia n'um livro ainda maior que o de S. Pedro...

—«Então, senhor? Que deseja e que manda? perguntou-me o anjo.

—«Bom anjo de Deus, quero saber—talvez que eu seja muito curios—se os de Cucugnan estão no purgatorio.

=«Os de...?

=«Os de Cucugnan; como sou o seu cura...

=«Ah! E' o senhor Martin?

—«Para o servir, senhor anjo.

=

=«O senhor disse pois Cucugnan...

E o anjo abre e folheia o livro, molhando os dedos com a liva para que as folhas escorreguem melhor...

=«Cucugnan, disse elle, dando um longo suspiro... Senhor Martin, não ha no purgatorio ninguem de Cucugnan.

=«Jesus! Maria! José! ninguem de Cucugnan no purgatorio! meu Deus! meu Deus! onde estão pois?

=«Devem estar no paraiso. Onde diacho quer o senhor que elles estejam?

=«Mas do paraiso venho eu.

=«Vem?!... E então?

=«Não estão lá!... Ai! mãe dos anjos!...

=«Pois senhor cura, se elles não estão no paraizo nem no purgatorio... então... decerto...

—«Santa cruz! Jesus, filho de David! ai! ai! ai! é possivel? Seria uma mentira de S. Pedro? Todavia não ouvi cantar o gallo! Ai pobres de nós! que vou fazer ao paraizo, se os de Cucugnan não estão lá?

=«Ouça-me, meu pobre senhor Martin, visto que quer, custe o que custar, ficar sabendo tudo isto e ver com os seus olhos o que ha, tome este atalho e corra se póde. Encontrará á esquerda, um grande portão. Ahi é possivel que obtenha todas as informações. Deus o ajude.

E o anjo fechou a porta.

Trad.=*Alcino Gama.*

(Continua)

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados, tendo-se retirado no domingo ultimo para Leixões, para sahir no vapor «Lanfranc» com destino ao Pará, e julgando terem commettido algumas faltas involuntarias em despedir-se d'algumas pessoas das suas relações, veem por este meio pedir a todos a necessaria desculpa e ao mesmo tempo agradecer todas as attenções que lhes foram dispensadas na occasião da sua saudosa despedida, por cujo motivo se confessam cordealmente penhorados.

Manuel Joaquim Araje
D. Marianno Chans Barraza
Augusto da Cunha Farraia
Francisco Rodrigues da Silva

ANNUNCIOS

Arrematação

2.ª publicação

No domingo 30 do corrente, pelo meio dia, á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, sito no largo do Hospital, d'esta villa, hão de ser postas em praça para serem arrematadas por quem mais offerecer sobre o preço da avaliação, as propriedades abaixo mencionadas, descriptas na execução hypothecaria que Manoel Rodrigues Caetano, casado, negociante, move contra Antonio da Silva Nataria e mulher, negociantes, todos do logar da Ponte Nova, d'esta villa, a saber:

Uma morada de cazas altas e terreas, com quintal, parte de poço e mais pertenças, sita no logar da Ponte Nova, d'esta villa, que confronta do norte com Joaquim Valente d'Almeida, sul com João Ferreira Dias, nascente e poente com o caminho, avaliado em 600$000 reis.

Um armazem de cazas terreas, com uma eira, sita na Ponte Nova, d'esta villa, que confronta do norte com Thomaz da Silva Nataria, sul com José Leite Brandão, nascente com caminho e poente com Francisco Soares Laranja, avaliado em 200$000 reis.

Uma leira de terra lavradia, chamada a Corga, sita na Ponte Nova, d'esta villa, que confronta do norte com Antonio Ferreira Lamarão, sul com Francisco de Sá Ribeiro, nascente e poente com a viuva de Manuel Valente e outros, avaliada em reis 80$000.

Para a arrematação são citados os credores incertos.

Ovar, 7 de dezembro de 1894

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Salgado e Carneiro

O Escrivão

Frederico Ernesto Camarinha Abragão

Editos

1.ª publicação

No juizo commercial da comarca de Ovar e pelo cartorio do escrivão Ferraz, correm editos de trinta dias, a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», citando Arnaldo Augusto da Silva Moura, casado, commerciante da Praça, d'esta villa, mas auzente em parte incerta na republica do Brazil, para na segunda audiencia, depois de terminar o praso dos editos, ver accusar a citação e fallar aos termos da acção commercial que a elle e outros réos move José Augusto Correia de Figueiredo, casado, da rua do Bonjardim, da cidade do Porto, na qual este pede para os réos serem condemnados solidariamente a pagar-lhe o montante de duas letras de cambio, uma de 220$691 reis e outra de 196$743 reis, saccadas pelo réu José Eduardo de Castro em 15 de setembro de 1893, aceitas pelo réu ausente na mesma data, e endossadas pelo saccador ao réu João da Silva Borges, e ainda por este a outro, sendo hoje o auctor o seu dono e portador, e bem assim os juros legaes desde a data do protesto: e ainda para na mesma audiencia o réu assignar termo de confissão ou negação de sua firma e obrigação de pagar; sob pena de ser havida por confesssada a acção.

As audiencias n'este juizo fazem-se ás segundas e quintas feiras de cada semana, por dez horas da manhã, no edificio do Hospital d'esta villa, ou nos dias immediatos, sendo aquelles feriados ou sanctificados.

Ovar, 5 de dezembro de 1894.

Verifiquei a exactidão
O Juiz de Direito
Salgado e Carneiro.
O Escrivão
Eduardo Elysio Ferraz de Abreu.

Arrematação

2.ª publicação

No domingo 30 do corrente, pelo meio dia, à porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, sito no largo do Hospital, d'esta villa, ha de ser posta em praça para ser arrematada por quem mais offerecer sobre o preço da sua avaliação, a propriedade abaixo mencionada, descripta na execução hypothecaria que Delfim José de Sousa Lamy, casado, pharmaceutico, de largo do Chafariz, d'esta villa, move contra Antonio d'Oliveira Bello e mulher Maria d'Oliveira, da rua do Outeiro, d'esta villa, a saber:

Uma morada de casas terreas, com quintal e mais pertenças, sita na rua do Outeiro, d'esta villa, que confronta do norte com Delfina Pinto, sul com herdeiros de Anna do Grande, nascente com herdeiros de João Pereira Arrota e poente com a rua publica, avaliada em reis 350$000.

Para a arrematação são citados os credores incertos.

Ovar, 7 de dezembro de 1884.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Salgado e Carneiro

O Escrivão

Frederico Ernesto Camarinha Abragão

CONTRA A TOSSE XAROPE PEITORAL JAMES

Unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, ensaiado e approvado nos hospitaes. Cado frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelos consules do Brazil. Deposito nas principaes pharmacias.

EDITORES—BELEM & C.ª—LISBOA

OS FILHOS DA MILLIONARIA

Nova producção

DE

EMILE RICHEBOURG

E' um verdadeiro romance de sensação e um trabalho litterario de primeira ordem o que vamos editar com o titulo de—«Filhos da Millionaria.

Temos a convicção de que os que lerem este romance hão de julgar exuberantemente justificado não só o alvoroço, com que foi recebida em França a sua publicação, como tambem a confiança com que vamos apresental-os aos que nos derem a honra de ser nossos assignantes.

Preço da assignatura: Caderneta de 4 folhas e uma estampa 60 reis. Assigna-se em Lisboa, Rua do Marechal Saldanha, 26. Todos os assignantes terão um brinde no fim da obra.

Léo Taxil

OS MYSTERIOS DA FRANC MAÇONARIA

Versão portugueza do Padre Francisco Correia Portocarreiro, com uma dedicatoria do auctor a Sua Magestade a rainha D. Amelia, com auctorisação do sr. cardeal D. Americo, bispo do Porto, e que mereceu um breve de sua santidade Leão XIII, animando-o e abençoando-o.

A obra constará de dois volumes distribuida em fasciculos de 32 paginas de texto com quatro ou mais gravuras. Preço de cada fasciculo 100 reis, pagos no acto da entrega.

Assigna-se em todas as livrarias do reino e em casa do editor Antonio Dourado, rua dos Martires da Liberdade Porto, 113.

BATATA

Manoel da Cunha e Silva vende no seu Kiosque da Estação a excellente batata da Beira a 300 reis a arroba. E quem comprar de 50 arrobas para cima a venderá a 290 reis a arroba.

REMEDIOS DE AYER

O remedio de Ayer contra as sezões=Febres intermitentes e biliosas.

Peitoral de cereja de Ayer =O remedio mais seguro que ha para curar a tosse, bronchite, ashtma e tuberculos pulmonares.

Extracto composto de Salsaparilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das scrofulas.

Vigor do cabello de Ayer=Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello gaisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas cathariticas de Ayer=O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

Perfeito desinfectante e purificante de Jeyes—Para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes, e e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias—Preço 240 reis.

Vermifugo de B.L.Fahnestock

E' o melhor remedio contra lombrigas.
O proprietario está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remedio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instrucções.

SABONETES GRANDES DE GLYCERINA MARCA *CASSELS*

Amaciam a pelle e são da melhor qualidade, por preços baratissimos.

Deposito geral: James Cassels e C.ª, Rua do Mousinho da Silveira, 85 Porto.

Séde da Redacção, Administração, Typographia e Impressão, ua dos Ferradores, 112—OVAR.

GRANDE DICCIONARIO DE LAROUSSE

A MAIOR E MAIS COMPLETA ENCYCLOPEDIA

17 Volumes 4° encadernados

Por 6$500 (pago á entrega) — Na Provincia

DIRIGIR OS PEDIDOS A

GUILLARD, AILLAUD & C.ª

240 rua Aurea, 1° — LISBOA

CAMISARIA MODERNA

50—RUA DO SA' DA BANDEIRA—54

PROXIMO AO CAFE' DO JULIO

PORTO

ARTIGOS PARA BANHO

Fatos de explendida baeta crepe para senhora, homem e crianca

A PRINCIPIAR EM 1$800 REIS!

Fatos de malhaem todos os tamanhos, camisolas riscadas o que ha de mais moderno—Todos os artigos de malha de fabrico nacional são vendidos á face da tabella da fabrica

Sapatos de lona e lia em todos os tamanhos. Toucas d'oleado de senhora

Attenção—Manda-se executa em duas horas qualquer encommenda que a esta casa seja feita, a preços sem competencia.

O Proprietario—Joaquim Manoel Amador.